CAROLINE: É depoimento gravado no dia 19 de julho de 2017 com Paulo de São Francisco, é a gravação foi feita por telefone na cidade administrativa em Belo Horizonte, entrevista realizada por Caroline Cunha Rodrigues. Vamos começar Paulo?

PAULO GOMES FERREIRA: Vamos.

CAROLINE: Em...

PAULO GOMES FERREIRA: Bom meu nome é Paulo Gomes Ferreira, eu nasci no dia 10 de janeiro de 1956, no Município de São Francisco, no Estado de Minas Gerais, eu sou filho de Eloi Ferreira da Silva e de Luzia Alves Gomes. Hoje eu tenho 61 anos de idade né e eu limito na vida sindical desde o falecimento do meu pai que aconteceu em 16 de dezembro 1984, e eu assumi o trabalho sindical em 86, 1986. Desde esta data eu tenho limitado ao movimento sindical, tanto no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Francisco como na FETANG, Federação do Agricultor no Estado de Minas Gerais. Eu fiquei por um período como diretor de polo regional em Montes Claros.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E a minha vida toda foi, assim trabalhando na roça, na condição de trabalhador rural e militando aos sindicatos, na condição de diretor diligente sindical.

CAROLINE: Uhum, tudo bem. É Paulo, vamos começar então falar sobre a situação que levou o assassinato do seu pai, por favor. Você poderia comentar?

PAULO GOMES FERREIRA: Vamos. Então o meu pai era também um trabalhador rural né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Ele era diligente sindical no sindicato lá de São Francisco e naquela época acontecia que os fazendeiros não entendiam muito e não aceitava que os trabalhadores rurais se organizassem né. E o meu pai, ele estava assim muito empolgado com o movimento sindical, aquilo era tudo, era legalizar e organizar os trabalhadores rurais aqui no Munícipio, e aí começou ou não entender os fazendeiros que a gente teria que se organizar para poder reivindicar os direitos, começaram a perseguição ao sindicato né?

CAROLINE: E como que foi essa.

PAULO GOMES FERREIRA: E foi perseguindo o sindicato na pessoa.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Do meu pai de Eloi Ferreira da Silva.

CAROLINE: E como foi essa perseguição Paulo?

PAULO GOMES FERREIRA: Essa perseguição se dava o seguinte, que naquela época.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: Os fazendeiros, eles estrilavam muita terra na região né, tinha o Antônio Luciano Pereira, que era um dos maiores grileiros de terra da região e como era esta situação, aí quem era visado era o sindicato e na pessoa do presidente do sindicato.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E começaram a perseguição e teve época que eles foram no sindicato para quebrar o sindicato.

CAROLINE: Eles quem?

PAULO GOMES FERREIRA: Hein?

CAROLINE: Eles quem? Você se lembra?

PAULO GOMES FERREIRA: É fazendeiros, fazendeiro da região.

CAROLINE: Uhum. Algum especifico?

PAULO GOMES FERREIRA: Aqui mesmo de São Francisco.

CAROLINE: Aham.

PAULO GOMES FERREIRA: Em São Francisco.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí aconteceu que meu pai era o líder sindical na época.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E tinha um cidadão, ai uma certa luta lá na fazenda Tereza Grande. (trecho incompreensível) de uma área de terra que era dos posseiros e Antônio Luciano Pereira queria tomar.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E meu pai junto com os outros diretores do sindicato e os posseiros viviam combatendo aquilo, quando ate que conseguiu que o Inca infiltrasse para desapropriação daquela área.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Disso aí veio outras, nessa época tinha muita confusão, muito problema com terra. Os caras queimavam casa do pessoal.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Corria com o pessoal das pequenas tocas, posses, e ele vivia nesse combate, né?

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Combatendo isso. Aí foi que veio a perseguição com a pessoa dele, começaram ameaçar ele de morte, ameaçar os filhos, a gente, a família. E até que um dia aconteceu, que esse tal de Leonardo Pereira.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: E o José Mendes Amorim, junto com o Elvino Mendes Amorim e outros.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Armaram uma tocaia e pegaram ele naquela data de 16 de dezembro de 1984.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Foi quando assassinaram meu pai, e aí isto para nós foi triste demais porque a gente estava morando na comunidade na roça e ele sempre ficava no sindicato, ia para lá, voltava para cá.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E eles achavam assim, que matasse Eloi, acabava o movimento sindical aqui né, acabava tudo.

CAROLINE: Ah sim.

PAULO GOMES FERREIRA: E foram o que eles fizeram né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Assassinaram ele, realmente foi um baque para o sindicato.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E baque muito grande, que aí do sindicato ficou o resto, foi o ano de 85 todo capengando e tal. Eu só vim assumir a direção do sindicato em 86.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Quando comecei a trabalhar, mas para a família, para o movimento sindical aqui, para os trabalhadores, foi uma perda muito grande o assassinato de Eloi né. É por que.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: Por que deu uma freada no sindicato, mas a gente conseguiu dar a volta por cima através, com a SETAEMG, com a COTANG, naquela época com a SPP.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Comissão para falar da terra, a gente conseguiu imobilizando, resolvendo, conseguimos assim voltar o sindicato a viver né.

CAROLINE: Então como o seu pai era uma liderança né dos trabalhadores rurais de São Francisco e da região, eles o mataram né com o objetivo de desmobilizar a luta pela terra na região?

PAULO GOMES FERREIRA: Sim. Com certeza, isso.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Meu pai era uma pessoa muito ativa.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Meu pai chegou a ser condecorado com a medalha da Inconfidência Mineira né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aquela época o governador era o, senão me engano, era o Tancredo Neves.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: É.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Meu pai chegou a ser condecorado com a medalha da Inconfidência Mineira. Assim, o nome dele é um nome que voava muito na região, que tinha assim muitos comentários.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Por ele ser uma pessoa muito integra, muito honesto e gostava de fazer a coisa correta e defender os mais pequenos contra os grandes né. Isto para eles era o fim da picada.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Tem, chamava meu pai de munheca dura, era essas coisas assim.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E aí eles achavam que se fizessem isto a coisa ficaria resolvida né.

CAROLINE: Uhum. Entendi. E antes desta situação culminar no assassinato, houve denúncias dessas ameaças aos órgãos do estado.

PAULO GOMES FERREIRA: Muitas, muitas. Houve muitas denúncias que meu pai mesmo fazia.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: Ele, você pode, não sei, se você já começou a ler alguma história, mas assim.

CAROLINE: No Sedex a gente encontrou algumas cartas.

PAULO GOMES FERREIRA: (trecho incompreensível) de próprio punho dele pedindo proteção, avisando que ele estava sendo ameaçado pelos trelelé de sempre, pelos fazendeiros, pelo próprio Antônio Luciano Pereira, por esse tal Leonardo Pereira, por alguns fazendeiros, até pela própria Policia Militar naquela época a Policia Militar naquela época era muito, sabe?

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Era muito complicado. Então, assim, quantas vezes a Policia foi na casa do meu pai caçar arma. Caçando, investigando, isto foi varias vezes.

CAROLINE: Ah então houve,

PAULO GOMES FERREIRA: Ele denunciava todas as vezes, ele denunciava esta situação.

CAROLINE: Uhum. Então o seu pai denunciava as ameaças e pelo contrário a Polícia ia com a intenção de investigar o seu pai?

PAULO GOMES FERREIRA: Ia investigar meu pai. Uma vez eles o trouxeram o preso. Ele tinha até um espingardinha, uma espingarda de, naquele tempo quase todo mundo tinha uma espingardinha na roça, para matar um gavião, uma coisa né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí pegaram essa espingardinha dele e trouxe para a delegacia e trouxeram, aquele tempo a Polícia era a Policia do Dopes. Não sei se você lembra.

CAROLINE: Do Dopes?

PAULO GOMES FERREIRA: Lembra disso do Dopes?

CAROLINE: Uhum. Sim, o Dopes

PAULO GOMES FERREIRA: O Dopes é, a policia mais malvada que tinha. Então trouxeram ele preso a São Francisco né, lá da nossa casa, da roça, para cá.

CAROLINE: O Dopes?

PAULO GOMES FERREIRA: E aqui. O Dopes. Daqui o Dr. Afrânio correu e conseguiu soltar ele, né o advogado que tinha no sindicato na época, Dr. Afrânio né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E era isso aí, essa luta, então a gente vivia assim todo mundo com medo, quando vinha um carro voando, vem a policia ou em vem alguém que vem perseguir a gente. Sempre andava a minha mãe, todo mundo sempre, assim, dormia assustado.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Aquele medo, aquela complicação. E quando assassinaram ele, a gente viu que as ameaças concretizavam né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Eles estavam ali e passou a nós mesmos também sofrer ameaça e foi tanto que a minha mãe não quis mais morar na comunidade, tivemos que na época vender a pequena propriedade que ele deixou para gente e vir morar na cidade.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Para poder, que ela não tinha mais sossego, minha mãe ficou desesperada com aquilo, tinha um bocado de menino pequeno. Ficou o caçula com 04 anos.

CAROLINE: Quais eram, quantos irmãos você tinha na época e qual era a idade deles na época do assassinato?

PAULO GOMES FERREIRA: Na época do assassinato eu tinha 33 anos de idade, o mais velho que é o Dezinho, estava com 36 anos de idade e o mais novinho Leandro que ficou com 04 anos de idade.

CAROLINE: Você poderia me informar o nome completo dele, por favor?

PAULO GOMES FERREIRA: De todos eles?

CAROLINE: Do Leandro no caso.

PAULO GOMES FERREIRA: Eu posso lhe falar o nome de todos né.

CAROLINE: É porque a comissão na verdade ela tem uma subcomissão que esta voltada para as crianças que foram impedidas de convivência com seus pais, seja porque foram assassinados ou presos.

PAULO GOMES FERREIRA: Uhum.

CAROLINE: Tudo bem?

PAULO GOMES FERREIRA: Tá, então os menores que ficaram na época, ficaram, deixa eu só lembrar aqui. Ficou, o Jonas ficou com 18, 19 anos. Ele já estava maior de idade.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: E aí ficou a Maria de Fátima, menor, a Maria Aparecida, menor, todos são Gomes Ferreira, viu?

CAROLINE: Maria Aparecida.

PAULO GOMES FERREIRA: Maria de Fátima Gomes Ferreira.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Hoje, todos são maiores, mas na época eram de menor.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Maria de Fátima Gomes Ferreira, Maria Aparecida Gomes Ferreira.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Terezinha de Jesus Gomes Ferreira.

CAROLINE: Terezinha com Z?

PAULO GOMES FERREIRA: É. E Leandro é Alves da Silva.

CAROLINE: Alves da Silva.

PAULO GOMES FERREIRA: Correto.

CAROLINE: E qual era a idade deles, por favor?

PAULO GOMES FERREIRA: Eu não vou dar conta de lembrar todos para você. O Leandro eu sei que ficou com 04 anos, a Terezinha ficou com 06, a Maria Aparecida tinha em torno de 08, 09 anos e a Maria de Fátima devia ter em torno de 11 a 12 anos.

CAROLINE: Sim. Tem como você conseguir esta informação.

PAULO GOMES FERREIRA: Ficaram tudo crianças.

CAROLINE: Para mim? Paulo, depois?

PAULO GOMES FERREIRA: A data correta?

CAROLINE: A idade deles no caso ou a data de nascimento.

PAULO GOMES FERREIRA: Na época?

CAROLINE: É, a data de nascimento no caso deles.

PAULO GOMES FERREIRA: Tenho, eu posso pegar para você.

CAROLINE: Por favor.

PAULO GOMES FERREIRA: Que se eu pegar, você vai descontar de 84, você vai achar a data certinha.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Você pode estar me ligando amanhã que aí eu te passo a data de nascimento de todos eles, dos mais velhos eu sei né, mas deles eu não tenho assim. Leandro por sinal eu sei porque ele faz aniversário hoje.

CAROLINE: Olha! Coincidência.

PAULO GOMES FERREIRA: Ele nasceu no dia 19 de julho de 1980 né. Leandro faz aniversário hoje.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Hoje ele esta fazendo 37 anos, hoje. Desse eu posso já te passar agora, agora das meninas eu terei que pegar, viu?

CAROLINE: Sim e qual foi o impacto para sua família, seus irmãos e a sua mãe, com a morte do seu pai? Pelas ameaças ou pela situação que ocorreu depois, enfrentou quais dificuldades.

PAULO GOMES FERREIRA: Olha, vou te falar assim, foram todas.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: O impacto foi muito grande, que você imagina, olha o que ficou, só aí eu te contei de quatro menores né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Os adultos que já estavam, mas tudo assim, pessoas com pouca experiência né porque a gente se espelhava muito nele e esperava muito dele e aí quando ele veio faltar você imagina que a gente ficou desemparado.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E nesse desemparo que a gente ficou, o impacto foi muito grande, que a gente demorou demais assim a acostumar, acostumar a gente acostumou, mas aceitar até hoje a gente não aceitou.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: O sentimento da perca, do prejuízo da perca, ele reflete na gente até hoje.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Até as meninas, todas elas conseguiram fazer, ter curso superior, todos os quatro menores que eu estou te falando.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Esse menino aí Leandro, todos tem hoje curso superior porque assim, a gente veio para cidade e foi uma luta grande demais, com grande sufoco para colocar eles para estudarem e trabalhar e lutar até que eles chegassem a cada um ter um curso superior pelo fato de que era o único rumo que a gente tinha de fazer com que eles tivessem um emprego para poder sobreviver.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Hoje minha mãe é aposentada, vive com a aposentadoria dela, mas assim o prejuízo para nós foi imenso. Porque assim tudo que ele deixou a gente teve que vender por qualquer preço né e mudar para cidade e morar de aluguel e depois de muito custo a gente

conseguiu cada um construir o seu espaço. Então isso foi muito difícil para nós. Muito difícil né. O que você imaginar de dificuldades a gente passou.

CAROLINE: Oi?

PAULO GOMES FERREIRA: Só um minutinho.

CAROLINE: Não, tudo bem. Tem problema não tá?

PAULO GOMES FERREIRA: Assim o que você imaginar de dificuldades, a gente passou, sabe?

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Foi muito difícil.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Mas a gente aprendeu a viver com a situação e eu também fui para o mundo sindical, foi aonde eu conseguir assim muito amparo, do próprio movimento sindica né e dos amigos dele né, assim a gente fala assim que eu fui o filho que mais herdou do meu pai foi eu.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Por quê? Porque eu herdei as boas amizades dele né, assim dentro do movimento sindical, criei muitas amizades, construir muitos amigos, que eram amigos dele, passaram a serem amigos meus.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E assim a gente foi muito amparado com palavras, com orações, essa coisa toda né. Então a gente conseguiu sobreviver.

CAROLINE: Sim, quais ameaças vocês receberam após a morte do seu pai?

PAULO GOMES FERREIRA: As ameaças após a morte dele era essa assim de que: tomariam as nossas terras, que a gente não poderia morar ali, que iam matar os filhos de Eloi, sabe?

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Que começou por ele, mas iam acabar com todos. E assim para mim e para meus irmãos que eram mais velhos, nós sabíamos que não era isso, que não era assim.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Mas para minha mãe e para os pequenos, a cabeça deles eram isso né. E aí nós tivemos assim que trazer de que na época, a gente sabe que não foi o Paulo Leonardo sozinho.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Foi ele e outros, mas ele tinha uma certa idade, ele assumiu o crime sozinho.

CAROLINE: Ele assumiu sozinho?

PAULO GOMES FERREIRA: Assumiu sozinho e aí o que ocorre, ele foi preso por uma preventiva, que aquele tempo a preventiva só durava 120 dias.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí a hora que venceu a preventiva, ele foi libertado, liberado. Aguardar o júri em liberdade aconteceu o júri, eu não lembro a data para te falar, mas quando ele foi a julgamento, naquele tempo, ele pegou 07 anos de reclusão.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Que ele tinha o direito de recorrer, ele recorreu em liberdade. E aí esse recurso que ele entrou com ele, nunca foi é assim, a nossa advogada e o promotor de justiça recorreram da pena, que era muito pequena né.

CAROLINE: Sim, uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E ele recorreu também para ficar em liberdade e ai ele ficou com esse recurso e aí ele veio também a óbito depois, morreu. Sofreu de um câncer e morreu.

CAROLINE: Mas ele cumpriu a pena?

PAULO GOMES FERREIRA: O fato é que ele não voltou para a cadeia.

CAROLINE: Sim, ele não cumpriu a pena então?

PAULO GOMES FERREIRA: Não cumpriu a pena, exatamente.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Nem ele e nem ninguém dos, porque ele assumiu o crime sozinho.

CAROLINE: E além dele, o senhor sabe quem estava envolvido na morte do seu pai?

PAULO GOMES FERREIRA: Estou ouvindo, estou ouvindo.

CAROLINE: Além dele, você sabe quem estava envolvido na morte do seu pai?

PAULO GOMES FERREIRA: Sei. Era o Alvinio Mendes de Amorim, que era o pai do José Mendes de Amorim, né que também foi um dos assassinos né. Esses três aí a gente sabe certeza que estavam envolvidos.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: É.

CAROLINE: É houve algum envolvimento do Antônio Luciano também?

PAULO GOMES FERREIRA: Olha, o Antônio Luciano tinha muito ódio do movimento sindical, era ódio assim de morte mesmo sabe?

CAROLINE: O que ele fazia?

PAULO GOMES FERREIRA: Eu não posso te dizer que ele estaria envolvido deste assassinato. A gente faz um pré-julgamento de que ele tinha o dedo dele nisso aí.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Pelo fato dele ser muito poderoso, era um cidadão, era médico em Bela Horizonte, certo? E ele tinha um poder aquisitivo muito grande, ele era homem que tinha vários pistoleiros né e como ele não gostava do movimento sindical, quando ele tentou tomar as terras dos posseiros na Avenida Grande, botar custo no rio para pegar parte da terra e que o sindicato, junto com a SETAENG, o movimento sindical barrou ele, isto para ele foi o fim da picada. E ele chegou a perder também na justiça tudo isso né, que a terra foi desapropriada e lá nesta terra ele ameaçou vários posseiros, queimou.

CAROLINE: Oi? Paulo?

PAULO GOMES FERREIRA: Toda a favor dele, delegado, policia da época, tudo era favor dele né. Você não conseguia nada na delegacia, nada em policia militar. Ele tinha, só para você ter uma ideia, ele tinha 03 advogados aqui na cidade trabalhando para ele.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Homão trabalhando para ele naquela época, então ele tinha um poderio muito grande de mandar matar, de fazer botar fogo em casa, fazer o que ele quisesse fazer, certo?

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Então a gente sabe que tem o dedo dele nisso também, só que a gente não tem prova de nada né.

CAROLINE: Já que o Paulo assumiu sozinho.

PAULO GOMES FERREIRA: Documento não tem.

CAROLINE: Uhum. O senhor mencionou ameaças que o Antônio Luciano fez ao seu pai ou que ele expressava ódio ao movimento sindical. Você poderia falar mais sobre isso?

PAULO GOMES FERREIRA: Olha lá na Fazenda Tereza Grande, que era perto da Fazenda Joao Novato, que era do Antônio Luciano Pereira, tinha um cidadão lá que era o delegado sindical na época, chamado Expedito, ele ameaçava o sindicato e a diretoria do sindicato através do Expedito. Então assim, Expedito estava lá, daqui a pouco chegava pistoleiro na casa de Expedito

para matar o Expedito, Expedito fugia e ia para o sindicato, aí o sindicato ia para lá e sofria as mesmas ameaças do pessoal do Antônio Luciano Pereira.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Né, então assim, as ameaças eram neste sentido, através dos próprios advogados deles que falava coisas, a própria policia que vivia perseguindo a época o sindicato. O sindicato ia fazer uma reunião, daí a pouco a policia estava toda envolta escutando o que o sindicato estava falando, você não podia falar quase nada. Tudo era investigado, então assim era uma perseguição direta, não era indiretamente. Era direta mesmo sabe.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E agente sabia que tudo era a mando dele.

CAROLINE: Entendi. É bom e sobre a questão do seu pai ter sido preso por agentes do Dopes, você poderia contar mais sobre esta situação?

PAULO GOMES FERREIRA: Posso, o que eu posso te contar é o seguinte: Naquela época nós tínhamos, meu pai tinha uma terra na beira do Ribeirão de Areia, é no Sitio Pequeno e o pessoal cortaram a cerca do meu pai por pirraça também, por perseguição.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Que ele era o presidente do sindicato, então eles tinham tudo para fazer, o que pudesse fazer contra ele, faria né. Aí cortaram a cerca dele e meu pai foi e denunciou.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Quando meu pai denunciou, eles vieram e arrumaram toda aquela coisa com o delegado da época e tal e mandaram a policia na casa do meu pai. Quando chegaram lá e achou essa espingardinha que eu te falei.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí era motivo para prender ele né, aí trouxeram ele, porque eles estavam caçando todo motivo para prejudicar ele. Assim, na época não bateram nele, não fizeram nada disso não. Trouxeram ele detido para a delegacia da cidade e quando chegou aqui e os advogados ficaram sabendo, os advogados imediatamente correram lá e através do, tinha um cidadão que chamava Ronan. Ronan trabalhava em Belo Horizonte e ele era realmente ligado a SETAENG, (trecho incompreensível).

CAROLINE: Você se refere ao Ronan Tito?

PAULO GOMES FERREIRA: Ronan Tito. Exatamente.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí através do Ronan imediatamente o Dr. Afrânio conseguiu a liberação dele e aí libertou dele rapidinho.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí prendeu a espingarda, aí era muito decepcionante que só de você estar em casa.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: Você não fez mal para ninguém, você não fez nada, você ter as suas cercas cortadas né a policia te perseguindo e te levando preso. Ao invés de levar o caro que é que corta a cerca, que deteriora sua propriedade, leva você que né está sendo vítima da coisa que é levado.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Então tudo isso era perseguição que a gente sofria naquela época, você não podia trabalhar, você não tinha sossego.

CAROLINE: Uhum. E o senhor sabe que eram agentes que não eram de São Francisco, que eram de Belo Horizonte no caso?

PAULO GOMES FERREIRA: Você fala o que? A policia do Dopes?

CAROLINE: É. Como o senhor sabe?

PAULO GOMES FERREIRA: Que eram de Montes Claros porque naquela época não tinha o Dopes aqui em São Francisco.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aqui era só Militar né, então eles viam de fora, viam de Montes Claros.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Hoje não tem essa policia mais, hoje é Policia Federal, outra coisa né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Mas naquele tempo tinha essa policia que era chamado de Dopes.

CAROLINE: Que se apresentaram como tal?

PAULO GOMES FERREIRA: Como tal, exatamente.

CAROLINE: Entendi. É e Paulo você poderia nós falar mais sobre a situação do sindicato após a morte do seu pai? Até você assumir? Conta mais sobre sua atuação.

PAULO GOMES FERREIRA: Posso, posso. Então, quando ele morreu em 84 ficou o restante do mandato dele né que aí a diretoria ficou esfacelado, o sindicato assim, o pessoal do sindicato com medo, os trabalhadores rurais que eram sócios do sindicato, muitos falaram que o sindicato tinha acabado, que agora não ia mais pagar sindicato porque Eloi tinha morrido e que o sindicato ia acabar.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Então assim o sindicato ficou ali um ano, quase dois anos, uns dois anos, em uma situação ficou muito prioritária sabe? Uma situação ruim pelo fato de que os trabalhadores afastaram do sindicato, muitos pelo sentimento da morte e muitos com medo né e achando que o sindicato ali fosse acabar. Aí com muita luta, eu assumi o sindicato já em 86, a gente foi reunindo, foi trabalhando e a perseguição continuou. A gente tinha umas áreas de terras que estavam já cheias de posseiros de pesquisa para procriação que foi a Fazenda Mimoso e a Fazenda Água Branca, que hoje a Mimoso é no Sitio de Pintópolis, e a Água Branca é no Município de Picuía. Que quando o Munícipio de São Francisco ele criou mais 04 Munícipios tirando São Francisco né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Que foi Pintópolis, Urucunha, Chapada Gaúcha, e Caraí de Minas.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Então assim essas duas áreas hoje, uma está em Pintópolis e outra está em Urucunha. Mas aí nós, já no meu tempo, a gente também começamos a mexer nessas áreas onde a gente sofria as ameaças também né, pelas pessoas que eram, deviam ser os donos das terras, que estava grilando a terra dos posseiros.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E nós conseguimos na época com muito sufoco desapropriar as duas. E da Água Branca a gente né desapropriou, a policia ia, ficava lá, destacava lá a policia a mando do Luciano, ele pagava para a policia naquela época ficar lá na propriedade para não deixar nós não entramos.

CAROLINE: Ah.

PAULO GOMES FERREIRA: Porque a gente entrava na propriedade, a gente via lá pistoleiro armado junto com a policia, de tudo né.

CAROLINE: Então o Antônio Luciano pagava policiais militares.

PAULO GOMES FERREIRA: Pagava eles, tinha um supermercado, ele pagava os policiais daquela época com feiras, com coisas, com dinheiro, com madeira, para eles ficarem lá estacados na terra dele para não defender a terra que não era dele, que era dos posseiros.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: E nessas idas e voltas um posseiro morreu.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Eu não posso te falar se foi policia ou se foi pistoleiro do Luciano que matou ele, esse não consegui pegar os dados dele para você. Mataram um posseiro.

CAROLINE: Mas foi nessa situação?

PAULO GOMES FERREIRA: Foi nessa situação.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Viu.

CAROLINE: Então era comum atuação da policia junto a pistoleiros?

PAULO GOMES FERREIRA: A mando do próprio Luciano Pereira.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Isto era comum, você pode pesquisar. Não precisa acreditar em mim, mas você pode pesquisar na região que isto acontecia direto.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: É.

CAROLINE: Sim. É e você gostaria de fazer.

PAULO GOMES FERREIRA: Eu posso te dar o nome de uma pessoa, que ele está aí em Belo Horizonte, que ele deve ter muita coisa que ele escreveu, que ele hoje é advogado e atuou muito comigo lá nesta área da Água Branca, é Dr. Luís Chaves.

CAROLINE: Ah Luís Chaves.

PAULO GOMES FERREIRA: Dr. Luís Antônio Chaves

CAROLINE: Sim, nós já entramos em contato com ele.

PAULO GOMES FERREIRA: Já? Já conversou com ele?

CAROLINE: Já. Já, mas até que ele não fez considerações sobre São Francisco não.

PAULO GOMES FERREIRA: Não?

CAROLINE: Eu vou pergunta-lo novamente.

PAULO GOMES FERREIRA: Cobra dele isso viu.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Ele foi muito amigo do meu pai.

CAROLINE: Sim, sobre o Eloi.

PAULO GOMES FERREIRA: (trecho incompreensível).

CAROLINE: Sobre o Eloi ele fez as considerações, mas sobre essas situação né, aprofundar não.

PAULO GOMES FERREIRA: Não né?

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Pois é, as vezes ele não quis fazer, mas ele conheceu muito isso.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Ele chegou a ir na área Água Branca comigo e tudo, ele viu muito isso. Pode ser que ele não queira falar por um motivo ou outro né, mas ele foi varias vezes lá.

CAROLINE: Ou não se recordou no momento também.

PAULO GOMES FERREIRA: Ou as vezes não se recordou no momento, exatamente.

CAROLINE: É Paulo.

PAULO GOMES FERREIRA: Perguntando ele, ele pode saltar alguma coisa.

CAROLINE: É estes dois nomes aqui, é de mortos, o senhor se recorda? Talvez possa ser a pessoa.

PAULO GOMES FERREIRA: Fala para mim.

CAROLINE: É Moacir da Silva.

PAULO GOMES FERREIRA: Moacir da Silva. De São Francisco?

CAROLINE: Morreu em, é. Morreu em 85 no caso.

PAULO GOMES FERREIRA: Moacir, Moacir, Moacir.

CAROLINE: 23 anos.

PAULO GOMES FERREIRA: Fala o outro nome, deixa eu ver.

CAROLINE: É quem o executou foi Antônio Boi e o outro nome é de 78, é o Praxedes.

PAULO GOMES FERREIRA: Praxedes sim.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Praxedes é meu primo.

CAROLINE: Seu primo?

PAULO GOMES FERREIRA: É meu primo. Ele morreu antes do meu pai.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Praxedes era um menino, meu primo, quem matou ele foi José Mendes de Amorim.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Eu citei o nome para você.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Né, esse ele atirou nele pelas costas, esse na posse do meu tio que era o pai do Praxedes né. Praxedes foi assassinato em setenta e.

CAROLINE: Oito.

PAULO GOMES FERREIRA: Setenta e oito.

CAROLINE: Isso.

PAULO GOMES FERREIRA: Era um menino novo, menino. Foi o Zé Mendes que assassinou ele na fazenda Nininho.

CAROLINE: Por conflito de terra?

PAULO GOMES FERREIRA: (trecho incompreensível). O que você falou?

CAROLINE: É por conflito de terra também?

PAULO GOMES FERREIRA: Foi, foi.

CAROLINE: É, Moacir da Silva.

PAULO GOMES FERREIRA: Estavam querendo tomar posse do meu tio né.

CAROLINE: Qual o nome do seu tio?

PAULO GOMES FERREIRA: Meu tio era José Ferreira da Silva, vulgo Zuza.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Que era o pai do Praxedes.

CAROLINE: Eles sofreram ameaças?

PAULO GOMES FERREIRA: Várias ameaças. Esse Zé mesmo de Amorim, Joaquim Viana de Matos, que era fazendeiro na época lá, que era quem estava tomando a terra do meu tio, a posse do meu tio.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Você me falou um outro nome, eu estou querendo lembrar,

CAROLINE: Moacir da Silva.

PAULO GOMES FERREIRA: Moacir da Silva, foi quando?

CAROLINE: Em 85.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí fala aonde ele foi assassinato?

CAROLINE: É, só um momento que eu irei olhar. 23 anos, Antônio Boi responsável, próximo a Fazenda Gaua.

PAULO GOMES FERREIRA: Fazenda o que?

CAROLINE: Fazenda Gauba.

PAULO GOMES FERREIRA: Gauba... não este não estou lembrado. Que este que eu te falei que eu estou buscando o nome dele aqui, foi mais ou menos em 87, 88, por aí que ele foi assassinato.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: Mas foi na Fazenda Água Branca.

CAROLINE: É, Paulo se você puder detalhar mais sobre essa situação porque nós não temos esta pessoa na lista. Nós só temos duas pessoas de São Francisco, além do seu pai né, no caso.

PAULO GOMES FERREIRA: É né. Só tem esse, é o Praxedes, só tem o Praxedes e o.

CAROLINE: Mas houve outras mortes nesses conflitos de terra, que envolve a fazenda Mimosa, Água Branca, Vereta Grande?

PAULO GOMES FERREIRA: Não, na Mimoso não houve não. Na Mimoso não, na Vereta Grande, também não. Houve esta que eu estou buscando o nome.

CAROLINE: Em Água Branca?

PAULO GOMES FERREIRA: Já foi na Água Branca.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Este foi até enterrado em cova rasa, depois o médico legista foi, tivemos que arrancar ele depois para poder fazer a autopsia, aquela coisa toda. Eu vou ligar lá para mim ver se eu pego o nome dele completo viu? Vê se alguém me passa.

CAROLINE: No sindicato?

PAULO GOMES FERREIRA: Daí você me liga que eu te passo.

CAROLINE: Amanhã.

PAULO GOMES FERREIRA: Você vai me ligar amanhã?

CAROLINE: Isso amanha eu te ligo.

PAULO GOMES FERREIRA: Para eu te passar as datas das meninas, aí eu vou te passar isso.

CAROLINE: Sim, sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Viu?

CAROLINE: Você se recorda da situação? Da morte dele?

PAULO GOMES FERREIRA: Se eu recordo?

CAROLINE: É, quem foi ou quem está envolvido? O que aconteceu?

PAULO GOMES FERREIRA: Não isso aí eu recordo que foi o pessoal do Antônio Luciano Pereira na época né.

CAROLINE: Hum.

PAULO GOMES FERREIRA: Foi, foi, lá nesta área que estava sendo desapropriada e quem matou ele foi o pessoal do Dr. Antônio Luciano Pereira, o pessoal dele que matou ele.

CAROLINE: Sim.

PAULO GOMES FERREIRA: Eu só tenho que pegar o nome dele completo para você e a data certinha que foi, viu?

CAROLINE: Tá, tudo bem. Amanha eu te ligo então para saber isso.

PAULO GOMES FERREIRA: Você vai me ligar para passar a data das meninas que nasceram, que eram as menores.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E esta data do assassinato dele, entendeu?

CAROLINE: Sim, e houve algum advogado, por exemplo, como o Afrânio, outro advogado, que atuou nesta situação?

PAULO GOMES FERREIRA: Olha, advogado que atuou na época tinha sido o próprio Luís Chaves, que eu te falei né, que ele já era advogado, estava junto conosco. Ele trabalhava pela SETAENG, ele era advogado da SETAENG, o Dr. Afrânio que era advogado do sindicato a época, e teve um outro advogado também que ele andou atuando pouco porque ele sofreu um acidente de carro e morreu né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Esse morreu logo breve. E teve Dr. Ivan que era advogado da SETAENG na época, ele faleceu também, Dr. Ivan.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Mas hoje, quem está vivo é o Luís Chaves e o Dr. Afrânio.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Quem mais viveu foi o Dr. Afrânio.

CAROLINE: Eu vou pergunta-lo então o Luís Chaves ou ao Afrânio se lembram desta situação.

PAULO GOMES FERREIRA: Você conhece o Afrânio?

CAROLINE: Sim, conheço.

PAULO GOMES FERREIRA: Que ele estava em Uberaba, tem tempos que eu não o vejo sabe.

CAROLINE: Ele esta em Uberaba.

PAULO GOMES FERREIRA: Está em Uberaba é, eu nunca mais falei com ele, sumiu, nem o contato dele eu não tenho mais.

CAROLINE: Eu posso te passar o número dele.

PAULO GOMES FERREIRA: Ah seria muito bom viu.

CAROLINE: Depois da gravação, está bem?

PAULO GOMES FERREIRA: Tá, tá joia. Viu.

CAROLINE: É Paulo, você tem mais alguma consideração sobre a situação de grilagem ou de violência em São Francisco, como que era o contexto de São Francisco?

PAULO GOMES FERREIRA: Não, falando desta época, o contexto era esse, que era assim bastante complicado, os fazendeiros não aceitavam o sindicato e achava que o sindicato estava criado ali para tomar terras deles, instigar os empregados deles a tomar as terras deles, era isso que eles pensavam né. Então assim, depois que aconteceu tudo isso, eles também criaram o sindicato dos fazendeiros, aí eles foram entendendo que a coisa não era bem assim, ai foi mudando. Hoje, a gente graças a Deus não tem mais esse tipo de coisa.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Não sofremos mais ameaças, não tem mais perseguição, a coisa tem um outro clima hoje, graças a Deus.

CAROLINE: Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: Mas naquela época era muito difícil, então assim, hoje a gente não recebe mais ameaça, não tem problema de grilagem de terra, dessas coisas graças a Deus não temos mais.

CAROLINE: E você poderia relatar alguma situação de ameaça contra você? Na liderança do sindicato.

PAULO GOMES FERREIRA: Não, porque eu assim, eles não me ameaçaram assim para dizer o que iam fazer comigo né, muitos me chamavam de doido, que eu era doido que eu tinha, mas aí já era mais o povo mesmo: “você é doido? Mataram seu pai e você vai pelo mesmo caminho, eles vão te matar também”. Essa coisa sempre o pessoal falava comigo né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Mas assim para vim me ameaçar mesmo, eu, a única coisa que houve de ameaça contra mim, era nessas coisas com o Luciano, que estava brigando nessas áreas que estavam sendo desapropriadas. Então a ameaça era estendida ao presidente do sindicato, que era eu na época né. Mas Graças a Deus isto acabou, não veio acontecer nada comigo, eu não sofri nenhuma represália, não fui preso.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Andei com muito medo, mas Graças a Deus não tive muito esse problema não.

CAROLINE: Entendi. É e sobre outras situações de expulsões de posseiros, de situações de violência, você gostaria de fazer outra consideração, alguma situação que o senhor se recorda que marcou sua memória.

PAULO GOMES FERREIRA: Não. Não, o que houve foram essas mesmas, essas empresas que veio de reflorestamento, que elas também compravam um pedaço de terra, cercavam aquilo e o que tinha de posseiro ali dentro, eles tiravam tudo para fora né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E mandavam para cidade, jogava no caminhão e jogava para fora. Isto aconteceu muito, isto. Expulsão de posseiro. Mas não houve morte, essas coisa não houve não.

CAROLINE: E como eram essas expulsões? Haviam a atuação de policiais junto agentes privados?

PAULO GOMES FERREIRA: Não, o que eles faziam mesmo era o seguinte: chegavam e compravam terra de Fulano, cercavam, o posseiro que tinha dentro eles botavam para fora, não era com policia não, era uma piãzada mesmo que chegava e fazia com o que ameaçasse a pessoa e botava para sair mesmo e muitos perderam a posse neste sentido, que a gente lutou muito para conquistar alguma posse, negociando com alguns, conseguimos as vezes um barraco na cidade, um lote, uma coisa, até amparamos as pessoas, mas não houve assim morte, ameaça, isto não houve não.

CAROLINE: Uhum. Certo.

PAULO GOMES FERREIRA: E hoje acalmou, Graças a Deus acalmou muito, o pessoal entenderam, não tem, também os posseiros ficaram um pouco né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Hoje tem mais é nas áreas de, tem duas áreas que é de Quilombola, então assim, são um pessoal organizado, não tem muito mais problema não.

CAROLINE: Uhum. Entendi. É você gostaria de detalhar outras é outras coisas relacionadas aos seus irmãos e a sua família nesta situação de ameaça? Talvez sobre os impactos nos seus irmãos?

PAULO GOMES FERREIRA: É o impacto que houve foi esse que eu te falei né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Que a gente tivemos que viver esse tempo todo amedrontado ali, a minha mãe com muita preocupação nos obrigou a vender a propriedade e sair dali né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E isto foi assim, a gente saiu dali sem emprego e vimos para cidade.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Todo mundo desempregado, é, começamos a comer daquele dinheirinho da propriedade que a gente vendeu, até arrumar um empreguinho ganhando ali uma mixaria, menino para estudar, aquela coisa toda, eu já tinha casado, eu tinha duas crianças pequenas na época né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Quando meu pai morreu a minha mulher ficou grávida, ela ganhou menino logo em seguida, eu já tinha outro menino pequeno, então assim a gente sofreu demais. Essa família desemparada, dessa forma, minha mãe sofreu muito né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Então o impacto atingiu todos nós né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: A gente teve uma menina que eu tive que botar lá em (trecho incompreensível) estudando na casa de um amigo meu, eu não tinha condição. E foi triste demais sabe. Botamos outro lá em Januária, na casa de uma tia para estudar, era difícil.

CAROLINE: Ah então seus irmãos pequenos foram levados para outras cidades para serem cuidados?

PAULO GOMES FERREIRA: É para estudar né, porque os amigos que fizeram isto para gente.

CAROLINE: Entendi, para ajuda-los né.

PAULO GOMES FERREIRA: Para ajudar.

CAROLINE: Sim. Tudo bem. É e sobre sua atuação no polo de Montes Claros?

PAULO GOMES FERREIRA: A minha situação no polo?

CAROLINE: É.

PAULO GOMES FERREIRA: A minha situação no polo foi assim, eu fui para lá porque na época me convidaram né para fazer parte da SETAENG e assumir o polo de Montes Claros. Aí eu fui né, eu fiquei 04 anos no polo.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí eu trabalhava a região norte toda, Januária, São Francisco, São Romão, é todas as cidades do norte aqui era do polo e eu trabalhava todas as cidades né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E ali a gente vivia dos conflitos de terra que tinha na época, tudo, a gente ficava sempre ajudando a cooperar.

CAROLINE: Uhum. E qual período?

PAULO GOMES FERREIRA: Eu fui para lá eu foi em 89.

CAROLINE: Ah sim.

PAULO GOMES FERREIRA: É em 89 e aí quando foi final de 83, aliás, de 93, eu saí.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Aí eu saí e voltei para o sindicato, fiquei no sindicato mais dois mandatos, aí saí, entrou outro no meu lugar, depois eu voltei de novo né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Eu fiquei, depois eu entrei, eu trabalhei 02 anos na prefeitura daqui no Município, como secretário né, daí voltei para o sindicato de novo.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: É assim, vai e vem.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: É.

CAROLINE: Entendi. É o senhor gostaria de fazer outra, uma consideração final sobre esta situação do seu pai para fins de registro?

PAULO GOMES FERREIRA: Olha o que eu gostaria de dizer do meu pai é que assim, fica registrado.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: É que o movimento sindical perdeu muito perdendo ele sabe, porque a gente sabe que ele era um grande líder né, essa liderança dele, ela iria continuar, eu tenho certeza que a tendência era crescer, quanto o sindicato de São Francisco quanto o movimento sindical perdeu muito perdendo ele. Não foi só a família que perdeu, perdeu também o movimento sindical né. Porque ele não trabalhava só em São Francisco, ele ajudava os sindicatos vizinhos, do Município vizinho, e ainda dizia assim ó: “sindicato não tem fronteira, aonde tem um trabalhador, o sindicato tem que estar lá.”.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Então ele tinha muito esse pensamento.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: E este sentido eu falo que o movimento sindical perdeu muito em ter perdido ele.

CAROLINE: Uhum. E o seu pai ajudou então na mobilização de trabalhadores rurais na formação de outros sindicatos na região?

PAULO GOMES FERREIRA: Sim. Sim, ele ajudou, ele ajudava no movimento sindical outro sindicato a ser, a tentar andar, os vizinhos ele ajudava ali. Naquele tempo o sindicato era Joaquim, tinha o apelido de Joaquim Barata.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Meu pai ajudava muito Joaquim em uma orientação, reunia junto né, fazia muito isso, lá em Januária, era na época o André, era o André que era, aliás, André não, era o Noé que era o presidente e o Antônio Inácio.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Era muito amigo, meu pai estava sempre junto lá com eles, ajudando. Também tinha uns conflitos de terra lá, Vaca Preta e outras comunidades e ele estava sempre ali reunido com eles né, ajudando, discutindo a questão dos posseiros.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Daquela região também.

CAROLINE: Sim, é e sobre a sua percepção ou avaliação da atuação de órgãos de segurança como Polícia? Ou órgão como a Secretária de Segurança Pública para o encaminhamento de denúncias, de violências ou assassinatos, como o senhor avalia?

PAULO GOMES FERREIRA: Naquela época?

CAROLINE: Isso, naquela época.

PAULO GOMES FERREIRA: Naquela época tudo era muito difícil né, era super difícil conseguir encaminhar alguma coisa porque o posseiro, o sindicato, os trabalhadores, não eram vistos com bons olhos né. Então assim ele tinha através da SETAENG algumas amizades como (trecho incompreensível) e outras pessoas que as vezes davam um certo suporte.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Né, mas assim, era muito difícil depender de segurança para dar suporte, porque a única Secretaria de Estado que eu lembro que tinha projeto na região aqui e que às vezes ajudava em alguma coisa era a chamada Secretária do Trabalho né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Naquela época então assim tinhas as pessoas que às vezes ajudava, reunia junto, conversava alguma coisa, algum projeto em nome do trabalhador. Mas as outras não.

CAROLINE: Então na gestão na Ronan Tito?

PAULO GOMES FERREIRA: Foi na gestão na Ronan Tito.

CAROLINE: Uhum. Entendi.

PAULO GOMES FERREIRA: É, ele era muito amigo do André Montaval e o André Montaval era o presidente da Federação na época né.

CAROLINE: Uhum.

PAULO GOMES FERREIRA: Ele era o presidente da Federação na época, então tinha essa participação que ajudava muito.

CAROLINE: Uhum, entendo. É o senhor gostaria de fazer outra consideração ou algo que eu perguntei de alguma situação ou pessoa de São Francisco? Ou Fazenda?

PAULO GOMES FERREIRA: Não, que eu lembre não.

CAROLINE: Uhum. Então tudo bem Paulo, muito obrigada pelo depoimento, eu vou encerrar aqui.

PAULO GOMES FERREIRA: Eu que agradeço.

CAROLINE: Eu vou encerrar a gravação, tudo bem?

PAULO GOMES FERREIRA: Ok.